

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

4 e 10 de Novembro de 2022

LOUIS MALLE, O REBELDE SOLITÁRIO – A CINEMATECA COM A FESTA DO CINEMA FRANCÊS

VIE PRIVÉE / 1962 Vida Privada

Um filme de Louis Malle

Argumento: Louis Malle, Jean-Paul Rappeneau, Jean Ferry / *Director de Fotografia* (35 mm, Eastmancolor): Henri Decae / *Cenários:* Bernard Evein / *Música:* Fiorenzo Carpi e trechos do “Requiem” de Verdi / *Montagem:* Kenout Peltier / *Som:* William Sivel / *Interpretação:* Brigitte Bardot (*Jill*), Marcello Mastroianni (*Fabio*), Grégoire von Rezzori (*Gricha*), Eleonora Hirt (*Cécile*), Ursula Kubler (*Carla*), Dirk Sanders (*Dick*), Paul Sorèze (*Maxime*), Antoine Roblot (*Alain*), Jacqueline Doyen (*Juliette*), Nicolas Bataille (*Edmond*), Mario Naldi (*o merceeiro italiano em Genebra*), François Marié (*François*), Louis Malle (*um jornalista*).

Produção: Progefi (Paris), CCM (Roma) / *Cópia:* 35 mm, com legendas em sueco e electrónicas em português / *Duração:* 101 minutos / *Estreia mundial:* 31 de Janeiro de 1962 / *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinema Monumental), 15 de Maio de 1962 / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 16 de Novembro de 2008, no âmbito do ciclo “Divas às Matinéas”.

Vie Privée foi realizado no início da obra de Louis Malle quando a estrela de Brigitte Bardot estava no auge. Anos mais tarde, o filme foi objeto de algumas análises feministas de base, assaz asnáticas, que viam nele uma obra misógina, que mostra a criação como um ato masculino, um filme marcado por uma estética modernista “*aliada contra o feminismo*” (*sic*). Tais patranhas estão assinadas por Geneviève Sellier no artigo *Gender, Modernism and Mass Culture in the New Wave* (quem vir a palavra *gender* num artigo em inglês sobre cinema só tem uma salvação: sair correndo). Só falta um trocadilho entre Malle, *mâle* (macho) e mal (*un mâle, des maux - um macho, vários males - é um grafitti que se viu no metro de Paris*). E no entanto, Geneviève Sellier é autora de um livro notável sobre Jean Grémillon (*Jean Grémillon, le Cinéma est à Vous*), que prova que quando a estudiosa francesa vê os filmes enquanto objectos cinematográficos e não enquanto objetos políticos, daquilo a que os americanos chamam “*política sexual*”, é capaz de análises finas e certeiras.

Vie Privée não é nada do que diz Sellier e é muito mais do que isso. Não é impossível que depois de ver este filme, Godard tenha tido a brilhante ideia de convidar Bardot para **Le Mépris**, que realizaria no ano seguinte, pois o filme de Malle prova que Brigitte Bardot era capaz de interiorizar, de ser mais do que uma boneca. Sendo uma das mulheres mais célebres do mundo quando o filme foi feito, além de ser o maior *sex symbol*, conjuntamente com Marilyn Monroe, que ainda vivia, é evidente que Bardot era capaz de perceber o que era a falta de vida privada quando se é uma personalidade pública. A sequência em que a protagonista é insultada por uma porteira num elevador (“*enquanto isso, o meu irmão está na Argélia!*”) é bastante autêntica, apesar da ironia pretenciosa com que foi descrita à época por Tom Milne (“*o elevador sobe o que parecem ser, no mínimo, cem andares*”).

Quando as filmagens começaram, o guião não estava completamente escrito e Malle e Jean-Paul Rappeneau (antigo condiscípulo de Malle no IDHEC e futuro realizador de **Cyrano de Bergerac**, com Depardieu), iam escrevendo o argumento durante o decorrer das filmagens, à noite: “*Já que filmávamos em ordem sequencial, era possível, mas era muito arriscado*”. O resultado revela que, de facto, era possível,

talvez por o filme ter uma estrutura clássica em três partes, passadas respectivamente em Paris, Genebra e Spoleto, que correspondem a outras tantas etapas narrativas. Havia, por conseguinte, uma estrutura, o que permitiu que se corresse o risco de que fala o realizador. Malle utiliza com grande inteligência a vedeta do filme, como encarnação da vedeta *tout court*. Jill é evidentemente um duplo de Bardot e segundo o realizador as peripécias do filme incluem pequenos bocados da vida de Bardot. A fusão entre personagem e actriz é muito forte aos olhos do espectador e é por ver o reverso da vida pública de uma figura pública que o espectador pode identificar-se com a protagonista. Ao invés de uma imagem, **Vie Privée** mostra-nos uma mulher. Ao invés de tentar “explicar” o fenómeno da celebridade e a situação de um *sex symbol* (convém não esquecer que o filme foi realizado no limiar da revolução sexual dos anos 60, antes de mudanças profundas), Malle prefere mostrar. Por isso, a situação da vedeta é levada a um paroxismo, que leva a uma crise e faz com que ela se retire provisoriamente da vida pública, antes de voltar a ser reconhecida em público e ser literalmente assassinada pelo *flash* de um *paparazzo*.

Malle afirmou num livro-entrevista que, na sua opinião, as duas melhores partes de **Vie Privée** são o prólogo, as imagens fragmentadas, anteriores à transformação de Jill em vedeta e o trecho final, em Spoleto: “*Muitas vezes lembrei-me das filmagens em Spoleto e tentei reencontrar aquele estado de graça*”. Mas o episódio parisiense, com algumas imagens que parecem voluntariamente decalcadas da estética de revistas como *Paris-Match* e *Life*, que correspondem exactamente à imagem pública de Bardot não é menos convincente, nem menos pensado. É certo que tudo só adquire pleno sentido na sequência final, com a chegada a Spoleto em “tempo real”, sobre os sons do *Requiem* de Verdi (prenúncio sub-reptício da morte iminente da protagonista e lamento sobre esta morte) e a célebre sequência final, com o *flash*, com o facto de uma mulher ser literalmente morta pela sua imagem, caçada pelo *paparazzo* como um animal é cercado e alvejado por um caçador (não por acaso, em inglês e em português o mesmo verbo é utilizado para tirar uma fotografia e dar um tiro, *disparar* e *to shoot*). E no poslúdio, nas imagens finais, Malle ousa um *ralenti* ao som de Verdi (o *ralenti* é uma das figuras de estilo em cinema que mais facilmente se torna *kitsch*), torna irreal a queda, a morte, prolonga por alguns instantes a identificação entre o espectador e a protagonista. Não há dúvida que **Vie Privée** é um dos poucos filmes com Brigitte Bardot que pode ser visto independentemente da curiosidade em observá-la, um filme que não vira a sua imagem pelo avesso como **Le Mépris**, mas tenta mostrar o que está por trás desta imagem. É também um dos bons momentos da obra de Louis Malle.

Antonio Rodrigues